

# Arquivo Histórico da Madeira

Nova Série | N.º 6 | 2024



**Título:** *Arquivo Histórico da Madeira, Nova Série*, n.º 6

**Editor:** Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira

**Local e Data:** Funchal, Março de 2024

**Periodicidade:** Anual

**ISSN:** 2184-5743

**Sítio da Internet:** <https://ahm-abm.madeira.gov.pt>

**Contacto Eletrónico:** [ahm.abm.srtc@madeira.gov.pt](mailto:ahm.abm.srtc@madeira.gov.pt)

**Direção:** Nuno Mota

**Conselho Editorial:** Filipe dos Santos (coord.); Bruno Abreu Costa; Nélio Pão; Susana Caldeira

**Conselho Científico:** Ana Madalena Trigo de Sousa (Centro de Estudos de História do Atlântico – Alberto Vieira); Ana Salgueiro (Centro de Estudos de História do Atlântico – Alberto Vieira); Diogo Ramada Curto (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa); Fátima Barros (Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira); Fernando Tavares Pimenta (Centro de Estudos de História do Atlântico – Alberto Vieira); Inês Amorim (Faculdade de Letras – Universidade do Porto); Jorge Freitas Branco (ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa); Paulo Esteireiro (Conservatório – Escola Profissional das Artes da Madeira, Eng.º Luiz Peter Clode); Paulo Miguel Rodrigues (Faculdade de Artes e Humanidades – Universidade da Madeira)

**Capa (Imagem):** PIMENTA, Élia, s.d., *Sem Título*, óleo sobre tela, 115 x 180 cm, coleção do MUDAS. Museu de Arte Contemporânea da Madeira, créditos fotográficos de Gregório Cunha

A revista *Arquivo Histórico da Madeira, Nova Série*, respeita a liberdade dos autores no que concerne à escolha da ortografia; assim, este n.º 6 apresenta contributos que seguem o Acordo Ortográfico de 1990 e outros redigidos segundo normas anteriores.

O conteúdo dos estudos e ensaios é da exclusiva responsabilidade dos seus autores, o mesmo se aplicando aos direitos das imagens inseridas.

A denominação, o conteúdo e a permanência das hiperligações e dos sítios da Internet referenciados nos artigos não estão sob o controle da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira, entidade editora da revista; consequentemente, não são da sua responsabilidade.

A revista *Arquivo Histórico da Madeira, Nova Série*, é indexada e referenciada nas seguintes bases de dados de publicações periódicas científicas:



# Índice

## Contents

<b>Editorial</b>	5
<b>Estudos / Ensaios</b>	11
Studies / Essays	
<b>O Anjo da História em Cabral do Nascimento. Parte I: Dualidades Históricas e o Tempo da Fundação, da Direção e da Demissão do Arquivo Distrital do Funchal</b>	13
The <i>Angel of History</i> in Cabral do Nascimento. Part I: <i>Historical Dualities</i> and the Time of the Foundation, Directorship and Resignation from the District Archive of Funchal	
<i>Ana Salgueiro</i>	
<b>Tratamento Arquivístico dos Autos de Contas de Administração de Capelas da Madeira: Contributo de uma Análise Granular para o Estudo do Fenómeno Vincular</b>	71
Archival Processing of Chapels Administration's Accounts in Madeira: Contribution of a Granular Analysis for the Study of the Entailment Phenomena	
<i>Fátima Barros</i>	
<b>O Arquivo Empresarial João de Freitas Martins</b>	101
João de Freitas Martins Company Archive	
<i>Joana Judite Gonçalves da Silva</i>	
<b>Cuscuz: Um Prato, Muitas Viagens, Diversos Sabores (Séculos XVI-XXI)</b>	121
Couscous: A Dish, Many Travels, Several Flavours (16 <sup>th</sup> -21 <sup>st</sup> Centuries)	
<i>Isabel Drumond Braga</i>	
<b>A Multiethnic Trajectory within Identity and Consciousness. João Fernandes Vieira's Case</b>	159
Uma Trajetória Multiétnica dentro da Identidade e da Consciência. O Caso de João Fernandes Vieira	
<i>Samuele Avantage Junior Goury</i>	
<b>Aspetos do Quotidiano na Tabua dos Séculos XVII e XVIII: O Morgadio do Capitão Diogo Afonso de Aguiar como Unidade Económica e de Poder Familiar</b>	223
Aspects of Daily Life in 17 <sup>th</sup> and 18 <sup>th</sup> Centuries Tabua Parish: Captain Diogo Afonso de Aguiar's "Morgadio" as an Economic and Family Power Unit	
<i>Teresa Florença</i>	

<p><b>O Quotidiano da Comunidade Franciscana Masculina na Madeira, nos Séculos XVIII-XIX: Parte II – Aspetos Materiais</b></p> <p>The Daily Life of the Franciscan Male Community in Madeira, in the 18<sup>th</sup> and 19<sup>th</sup> Centuries: Part II – Material Aspects</p> <p><i>Paulo Ladeira</i></p>	311
<p><b>A Cal e a Construção no Arquipélago da Madeira nos Séculos XVII-XVIII</b></p> <p>Lime and Construction in the Madeira Archipelago in the 17<sup>th</sup>-18<sup>th</sup> Centuries</p> <p><i>Dinis Gouveia Pacheco</i></p>	471
<p><b>A Cal no Arquipélago da Madeira nos Séculos XIX-XX</b></p> <p>Lime in the Madeira Archipelago in the 19<sup>th</sup>-20<sup>th</sup> Centuries</p> <p><i>Dinis Gouveia Pacheco</i></p>	501
<p><b>Islas del Azúcar y del Tabaco: Canarias, Mirando a Madeira y Azores desde la Ventana de la Segunda Globalización (1850-1914)</b></p> <p>Sugar and Tobacco Islands: Canary Islands, Looking at Madeira and Azores from the Window of the Second Globalization (1850-1914)</p> <p><i>Santiago de Luxán Meléndez</i></p>	591
<p><b>O Lugar do Arquipélago da Madeira na Rota Musical do Fado (1870-1974)</b></p> <p>The Place of the Madeira Archipelago in the Musical Route of Fado (1870-1974)</p> <p><i>Paulo Esteireiro</i></p>	623
<p><b>O Arcebispo D. Aires de Ornelas e Vasconcelos e a Defesa do Padroado Português do Oriente (1874-1880)</b></p> <p>The Archbishop Aires de Ornelas e Vasconcelos and the Defence of the Portuguese Patronage of the East (1874-1880)</p> <p><i>Fernando Tavares Pimenta</i></p>	649
<p><b>A Administração Financeira do Município do Funchal entre 1880 e 1895: Tutela do Governador Civil e Tentativa de Equilíbrio das Contas Municipais</b></p> <p>The Financial Administration of Funchal's Municipality between 1880 and 1895: Civil Government Supervision and Effort to Municipal Accounts' Balance</p> <p><i>Ana Madalena Trigo de Sousa</i></p>	713
<p><b>A Vida Social dos Georrecursos: Extrações e Extrativismo na Ilha do Porto Santo (desde o Século XX)</b></p> <p>The Social Life of Georesources: Extractions and Extractivism in Porto Santo Island (since the 20<sup>th</sup> Century)</p> <p><i>Jorge Freitas Branco</i></p>	763

- A Esperança (1919-1938): A Materialização de uma Revista Católica de Formação Social Madeirense** 889  
*A Esperança (1919-1938): The Materialization of a Madeiran Catholic Bildung Magazine*  
*Bruno Abreu Costa*
- Recrutamento de Madeirenses para o Colonato do Limpopo (Moçambique) entre 1960 e 1962** 1007  
*Recruitment of Madeirans to the Limpopo Colony (Mozambique) between 1960 and 1962*  
*Odete Mendonça Henriques Souto*
- Horácio Bento de Gouveia: Romances com o Mar lá dentro** 1043  
*Horácio Bento de Gouveia: Novels dashed by the Sea*  
*Susana Caldeira*



## Editorial

É agora dado ao público o n.º 6 da revista *Arquivo Histórico da Madeira*, Nova Série, fruto da concretização continuada e perseverante de um desiderato científico e editorial que a Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira (DRABM), por intermédio da Direção de Serviços do Centro de Estudos de História do Atlântico – Alberto Vieira (CEHA-AV), assumiu enquanto parte inalienável da sua missão.

Segundo a Portaria n.º 369/2020, de 16 de julho, que aprova a estrutura nuclear da DRABM, ao CEHA-AV compete, entre outras, as seguintes atribuições: «Produzir investigação sobre a história insular e o papel da Madeira na construção do espaço atlântico»; «Promover e organizar eventos científicos nos domínios da história, da memória e do património insulares»; e «Contribuir ativamente para a renovação e qualificação do campo de conhecimento da história insular e promover uma mais ampla, aprofundada e sistemática utilização das fontes históricas».

Outra incumbência vem, em teoria e na prática, congregar as anteriores e servir a disseminação dos seus resultados: «Garantir a publicação anual da revista *Arquivo Histórico da Madeira*, Nova Série, e assegurar a respetiva coordenação editorial numa perspetiva de observância de requisitos editoriais internacionais em matéria de publicações científicas»<sup>1</sup>.

Após a realização, em novembro de 2021, do *Congresso de História da Madeira – Rumos de Pesquisa, Problemáticas, Análises*, a DRABM planeou, organizou e levou à execução – com sucesso – um outro congresso de semelhante envergadura (com três dias de trabalhos), que teve lugar sensivelmente passados dois anos: o *Congresso Internacional Modernidade e Globalização no Mundo Atlântico: Relações, Diálogos e Trocas (Séculos XV-XX)*.

---

<sup>1</sup> Como se pode constatar na ficha técnica, a revista está indexada e referenciada em três bases de dados de publicações periódicas científicas: Dialnet; RCAAP – Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal; e Open Academic Journals Index.

Este congresso ocorreu, pois, na linha de anteriores iniciativas, desde 2020: o nomeado congresso de 2021; e outros encontros de partilha de saber (seminários, conferências, mesas-redondas), mais curtos se contarmos o tempo de realização, mas de igual relevância se medirmos a qualidade científica. Desta vez, tentou-se, numa ótica mais global, inscrita no Atlântico, aliar: a produção de ciência interna (no seio do CEHA-AV) e externa (por investigadores convidados); a realização de eventos de modo regular e criterioso; e a divulgação para os públicos possíveis – num primeiro tempo de forma oral<sup>2</sup>, e num tempo posterior através da escrita.

O *Congresso Internacional Modernidade e Globalização no Mundo Atlântico: Relações, Diálogos e Trocas (Séculos XV-XX)* serviu o propósito de explorar questões de vários tipos, com enfoques multidisciplinares, que vão desde a História da Globalização e do Mundo Atlântico, até aos Estudos Regionais e Locais.

Que questões, por exemplo? Como caracterizar os diversos estádios da Globalização Atlântica? Quais os processos e fenómenos económicos, políticos, demográficos, sociais, culturais e ambientais que se desencadeiam no espaço atlântico desde o século XV até à atualidade? De que maneira o Atlântico se afirma como espaço de fluxos imateriais nos planos cultural, das línguas, das artes, dos saberes, das mundividências, dos imaginários e das crenças? Qual o contributo das Ilhas Atlânticas sob influência portuguesa e espanhola – Madeira, Açores, Canárias, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe – para a estruturação do Atlântico enquanto sistema de relações? Como conciliar as particularidades dos percursos históricos desses microcosmos insulares com as tendências do Atlântico enquanto plataforma global?

Perguntemos, com efeito: elos entre diversos continentes – o europeu, o americano, o africano; espaços aparentemente paradoxais de confluência entre as dimensões local e global, central e periférica; espaços cuja dimensão territorial, por vezes, não faz adivinhar a sua real importância histórica – podem os universos arquipelágicos atlânticos ser vistos como microcosmos globais? Ou por outra – podem ser vistos como geografias que criaram, precocemente, a Globalização, e a projetaram em vagas sucessivas até aos nossos dias?

---

<sup>2</sup> Tem sido aposta da DRABM divulgar as gravações vídeo dos congressos – e de outros acontecimentos, de pendor mais científico ou de cariz mais cultural – que tem vindo a organizar; as conferências e comunicações do *Congresso Internacional Modernidade e Globalização no Mundo Atlântico: Relações, Diálogos e Trocas (Séculos XV-XX)* podem ser vistas no canal do YouTube da DRABM: [https://www.youtube.com/watch?v=gFJIBqaC4vE&list=PLRN7IQoXeCNYRuZskBUTJMG-LwO\\_OQRQ6](https://www.youtube.com/watch?v=gFJIBqaC4vE&list=PLRN7IQoXeCNYRuZskBUTJMG-LwO_OQRQ6).



Indagações estas que forçosamente passam por temáticas como: as mudanças ecológicas; a exploração de recursos marinhos e recursos terrestres; mitos e mitologias; o património material; a transferência de técnicas e léxicos; práticas de nomeação; comidas e bebidas que se tornaram tradicionais e emblemáticas, que se tornaram simultaneamente capital material e cultural; atos de afirmação simbólica de poder; o poder e as suas elites; elites – por sua vez – que se movem a uma escala imperial; linguagens artísticas; veículos editoriais de difusão de conhecimento e ideologias e de criação de opinião pública; memórias e representações identitárias; rotas migratórias e científicas; comunidades de homens de negócio; forasteiros em trânsito; geoestratégia e conjuntura.

Fica assim levantado um pouco o véu sobre os diversos e enriquecedores contributos trazidos ao congresso. Numa lógica de sinergia entre investigação, promoção de momentos científicos e disseminação de conhecimento – como elos de uma só cadeia, como veios atados num mesmo nó –, elegeu-se por objetivo que as versões escritas (estudos e ensaios) das conferências e das comunicações apresentadas ao congresso fossem inseridos neste *Arquivo Histórico da Madeira, Nova Série*; o presente número divulga já uma parcela desses contributos<sup>3</sup>; os restantes farão parte de números vindouros.

Parece-nos importante, neste momento, um pequeno exercício de reflexão.

Convocamos algumas palavras de Bernard Bailyn, eminente historiador americano que, entre outras áreas de especialização, dedicou-se à História do Atlântico e foi um dos seus principais defensores. Quando questionado sobre o que seria um historiador (em concreto, é-lhe perguntado como descreveria ou caracterizaria o que é um historiador), Bailyn acabou por traçar vários perfis profissionais ou ocupacionais do ofício. Mencionou, como elementos de base, os académicos *tout-court*, que trabalham nas universidades, ressaltando contudo que os historiadores não podem ser reduzidos somente a esta condição<sup>4</sup>. Partindo desta premissa, referiu depois, em

---

<sup>3</sup> Vejam-se, seguindo a ordem do índice, os artigos de Isabel Drumond Braga, Dinis Gouveia Pacheco (o seu segundo escrito), Santiago de Luxán Meléndez, Paulo Esteireiro, Fernando Tavares Pimenta, Bruno Abreu Costa e Odete Mendonça Henriques Souto.

<sup>4</sup> Enfatizou, aliás, que «One of the interesting things about the practice of history these days [1991] is that history, while largely the domain of academicians, is not entirely so.» (BAILYN, Bernard, 1994, *On the Teaching and Writing of History. Responses to a series of questions*, ed. Edward Connery Lathem, New Hampshire, University Press of New England, p. 8).

primeiro lugar, os que, não sendo académicos, são todavia «professionally trained»<sup>5</sup>. A seguir, mencionou os que ele chamou de «public historians», que trabalham em «commercial organizations», e que produzem estudos históricos rigorosos por contrato ou encomenda (lembremo-nos que Bailyn falou a partir de um *locus* específico, os Estados Unidos da América); em terceiro lugar – na numeração do entrevistado –, trouxe à liça historiadores que trabalham em entidades estatais, regionais ou locais – especialistas, como diz, em história regional ou conhecedores abalizados de arquivos específicos. Finalmente, mencionou os historiadores que são jornalistas, e que se especializam em história mais recente<sup>6</sup>.

Assim temos estes perfis, que nos fazem pensar. Consoante as geografias e os tempos haverá certamente outros: totalmente diferentes ou em situação de sobreposição parcial em relação aos perfis mencionados por Bailyn. Sem quaisquer pretensões de exaustividade – e correndo o risco de injustiça por omissão –, observemos o caso da Madeira. As primeiras páginas dos artigos dos anteriores números, 1 a 5, do *Arquivo Histórico da Madeira, Nova Série* – no total, são 85 artigos por 62 autores – constituem, a nosso ver, um mostruário representativo da realidade regional. Nessas primeiras páginas estão, em rodapé, segundo o que ditam as normas editoriais da revista, um texto de apresentação dos autores, contendo idealmente a filiação institucional, o percurso científico ou académico ou ainda profissional e as principais áreas de interesse e investigação.

Encontramos, como não podia deixar de ser, os académicos, com carreira universitária, que apontou Bernard Bailyn. Merecem especial menção, depois, porque – mais uma vez – falamos da Madeira, os profissionais que laboram na administração pública regional, a que pertence a DRABM e o CEHA-AV, entre outras instituições; estes profissionais inserem-se em diversas carreiras: a de investigação; alguns são técnicos superiores; outros são docentes em regime de mobilidade; inclusive há assistentes técnicos.

Temos, igualmente, os seguintes perfis (que podem se cruzar entre si, e com os do parágrafo anterior, como em certos casos efetivamente se cruzam), ordenados

---

<sup>5</sup> Deu o exemplo de Barbara Tuchman que, não obstante deter «the credentials of a professional scholar, [...] she practiced, so to speak, as an amateur – in the sense that she was not involved in the critical, systematic development of knowledge in certain areas and was not responsible for passing on to the next generation a large scale, integrated picture of what our past has been.» (BAILYN, 1994, *On the Teaching and Writing of History* [...], pp. 8-9).

<sup>6</sup> BAILYN, 1994, *On the Teaching and Writing of History* [...], pp. 9-11.

sem critério específico: investigadores que, não se considerando ou intitulando a si próprios como historiadores, acabam por trazer contribuições válidas para a História, e são cultores de áreas tão díspares como a Arquivística, a Musicologia, a Museologia, a Etnografia, os Estudos Literários, a Linguística, a Geografia, a Engenharia, a Arquitetura, a Economia; académicos jubilados; docentes de níveis de ensino não universitário (por vezes também já aposentados); membros ou sócios de instituições ou associações culturais; investigadores independentes, sem qualquer filiação a instituições de investigação ou de ensino; bolsiros de investigação e colaboradores em projetos de investigação financiados por entidades governamentais (centrais ou regionais); membros e colaboradores de centros de investigação universitários; profissionais liberais; estudantes universitários em programas de mestrado e de doutoramento, que produzem artigos que de algum modo poderão estar relacionados com as pesquisas conducentes à obtenção desses graus académicos<sup>7</sup>.

Posto isto, queremos sobretudo chamar a atenção para o que se segue. É fundamental perceber que, neste mundo da criação do conhecimento, pode e deve haver: diversos perfis de agentes ou de criadores; vários enquadramentos (mais ou menos formais) para o exercício da produção de saber; diferentes motivações e obrigações; no fundo, múltiplos e plurais contributos.

Mas torna-se imprescindível – digamo-lo de forma porventura algo simplista – que tais contributos, independentemente dos seus contextos e condicionalismos, sejam informados, ancorados em fontes, tenham metodologias apuradas, usem de rigor e cuidado; que sejam gizados com entrega ao saber. É imperioso que, usando a famigerada expressão de Lucien Febvre, sejam “estudos cientificamente conduzidos”.

Chegados a este ponto, devemos assumir e anunciar que é precisamente isto o que a DRABM e o CEHA-AV fazem: considerar a existência de vários perfis de criadores de ciência; reconhecê-los e aproveitá-los – numa óptica de valorização coletiva, de troca e divulgação de informações e de experiências, aumentando e diversificando deste modo o caudal do conhecimento.

---

<sup>7</sup> Aproveitamos para dar conta dos restantes autores deste volume, seguindo a ordem do índice: Ana Salgueiro, Fátima Barros, Joana Judite Gonçalves da Silva, Samuele Advantage Junior Goury, Teresa Florença, Paulo Ladeira, Dinis Gouveia Pacheco (o seu primeiro artigo), Ana Madalena Trigo de Sousa, Jorge Freitas Branco e Susana Caldeira.

O *Congresso Internacional Modernidade e Globalização no Mundo Atlântico: Relações, Diálogos e Trocas (Séculos XV-XX)*, na sequência de precedentes iniciativas, trilhou precisamente este rumo. A revista *Arquivo Histórico da Madeira, Nova Série*, também palmilha este caminho.

Em nome da DRABM e do CEHA-AV agradecemos penhoradamente a todos os autores da revista – os passados, os presentes, os futuros (porque, na verdade, não se termina um volume sem se principiar o seguinte). Com elevada qualidade científica, com verdadeira noção de serviço público, com entrega e magnanimidade, os autores aqui vertem contributos que ficarão seguramente para a posteridade como alicerces robustos da sempiterna edificação do conhecimento – sobre a Madeira, as Ilhas Atlânticas, o Atlântico e a Globalização. Assim o fazendo, muito honram e dignificam, consequentemente, a Madeira e a sua Autonomia.

*Filipe dos Santos*

**Estudos / Ensaio**

Studies / Essays